

“Ó Jesus, é por vosso amor”

- Dia Mundial do Doente no Santuário de Fátima – 11. Fevereiro. 2012

Introdução

Ó Jesus, é por vosso amor! Podia ser esta a nossa resposta àquela pergunta da Mãe do Céu aqui em Fátima, “Quereis oferecer-vos a Deus?”. E podia ser esta também a resposta à interrogação que, permanentemente, trazemos connosco sobre a vida, o sofrimento e a doença.

Logo de nascença, ou surpreendidos depois pela doença e pelo sofrimento, trazemos no coração e na inteligência a luta da permanente procura do sentido da vida e de tudo o que nos acontece: Porquê, Senhor?! Porquê eu?! Porquê assim?! E para quê?! Terei forças?!

Fátima, a Cova da Iria, a experiência de encontro com Deus pelas mãos da Mãe do Céu, sempre foram o contexto e o campo onde se conjugaram e conjugam estas nossas interrogações. Aqui sentimo-nos em casa e ousamos a nossa maior naturalidade e a nossa maior transparência diante do Mistério de Deus e do mistério da vida humana.

É impossível, por isso, recordar cada uma das aparições sem nos lembrarmos, imediatamente, dos imensos pedidos de cura das pessoas de que, junto de Nossa Senhora, os pastorinhos eram espontaneamente constituídos embaixadores. E a Senhora, mais brilhante do que o Sol, sempre foi respondendo “Uns curarei, outros não!” “Eu tinha muitas coisas para lhe pedir – diz Lúcia a Nossa Senhora numa das aparições -; a cura de alguns doentes!” E a Senhora também faz pedidos: a oração, o sacrifício, o arrependimento¹. Como quem pede que cada um regresse às fontes da fé e ao encontro com Deus. E, sobretudo, como quem diz que Deus é a Luz que não se vê mas com a qual tudo se vê.

Diz-se, habitualmente, que o homem, a pessoa humana, se constitui de natureza e de aventura: natureza que é a sua condição; e aventura que é a sua liberdade. Ora, a doença e o sofrimento são, precisamente, acontecimento e tarefa que se impõem e oferecem à liberdade. Impõem-se porque são, na maior parte das vezes, independentes da vontade própria; oferecem-se como tarefa porque a liberdade tem o poder de lhe dar um novo enquadramento e um novo sentido.

A ideia de perfeição e de vida perfeita pode andar, muitas vezes, associada à imagem de uma vida sem sofrimentos e até sem doença. Mas a realidade vai segredando que a nossa condição já é mortal mesmo antes de morrermos. Somos mortais não apenas porque, num determinado momento morramos, mas porque, desde o início é essa a nossa condição. E o desafio e a tarefa são os de dar sentido a essa condição.

¹ Cf. Joaquim CARREIRA DAS NEVES, *Curas e Milagres* in *Enciclopédia de Fátima* (Lisboa: Principia, 2007) 166.

Quem sofre e quem está doente começa por se sentir dividido: até àquele momento da sua vida, porventura, havia uma ligação e uma harmonia entre o pensar e o fazer, entre o querer e o executar, entre o desejo e a realização. O sofrimento e a doença provocam uma agressiva invasão e destruição dessa harmonia. Doravante, de forma mais estável ou mais provisória – mas sempre presente – parece que o corpo e as suas funções se tornam arrogantemente independentes da razão e do pensamento, do desejo e da vontade. É como se, autonomamente, se criasse um “outro eu” dentro da mesma pessoa.

Reflectir o sofrimento e a doença é, pois, uma das mais complexas tarefas do pensamento humano. A nós cristãos, pese embora sabermos-nos amados por Deus, salta-nos mesmo, algumas vezes, quase tão traiçoeiramente como o sofrimento e a doença, a pergunta: “porque permite o Deus do amor que nós soframos?”.

Ao contemplarmos Cristo na Cruz sentimos maior serenidade porque nos sentimos representados na sua interrogação de sentido sobre o sofrimento: “Meu Deus, meu Deus porque me abandonastes?”. Mas é a própria interrogação de Jesus que nos pede que nunca desistamos de procurar uma resposta para a dor confrontando-a com um Deus bondoso e onnipotente.

1. Os rostos da dor e do sofrimento

Um modo especial de doença, de dor e de sofrimento, consiste em confrontar-se todos os dias com os limites da vida como o experimentam os doentes – particularmente os doentes crónicos – os que sofrem alguma incapacidade permanente, os idosos e os moribundos. Mas o número dos rostos da dor, da doença e do sofrimento é infinito. Dor física, doença corporal, sofrimento causado por acidentes, dor causada por catástrofes naturais, o sofrimento das guerras e destruições arbitrarias, o sofrimento da fome, da doença e do envelhecimento como perda de capacidades; a dolorosa e amarga experiência de depender sempre de alguém para poder fazer as coisas mais básicas e essenciais, a submissão a intermináveis exames médicos e de diagnóstico, invasivos ou não da privacidade, o sofrimento pela experiência das próprias limitações, pela incapacidade de ver mais profundamente a vida, pela obscuridade da alma; a dor das expectativas defraudadas, das esperanças traídas, das recalcadas feridas psicológicas, do desemprego ou da falta de tempo para si mesmo e para a família; a dor e o sofrimento causados pelo próximo, a dor das críticas injustas ou incompreendidas, dos afectos feridos, do desprezo e da desconsideração, da inveja e da ambição, das burlas e das mentiras. Seria interminável a lista dos rostos da dor, da doença e do sofrimento². E até poderíamos juntar aqui o sofrimento por amor já que não amor sem dor. Sofre-se com o sofrimento da pessoa amada: os pais que sofrem com as indefinições e desgraças dos filhos. Mas, sofrer por amor seria também aquele sofrimento em que se sofre porque a pessoa amada não é como esperávamos e / ou pensávamos, como gostávamos que fosse. Aí sofre-se porque o outro tem o seu próprio caminho, a sua

² Cf. Gisbert GRESHAKE, *Por qué el Dios del amor permite que suframos?* (Salamanca: Sígueme, 2008) 16.

própria personalidade: os filhos não realizam o caminho que os pais lhes haviam preparado e definido, os casais não têm o cuidado mútuo e recíproco, não há correspondência nem atenção.

E, por último, podemos dizer que, às vezes, até se sofre por causa de Deus. Talvez por que Deus não é como O tínhamos concebido e pensado, porque escapa ao nosso controlo absoluto. Às vezes parece até ausente, distante, em absoluto silêncio quando O invoco ou Lhe rezo. Parece, às vezes que a minha oração não é escutada e em vez de consolo só experimento obscuridade.

São muitos, de facto, os rostos da dor, do sofrimento e da doença. E existem outras tantas interpretações para o sofrimento humano e para a dor: sofre-se por não ter o que se desejava, sofre-se por falta de relação, sofre-se por falta de sentido para o que se faz, sofre-se por desordem interna³. Mas também se sofre interpretando o sofrimento como um meio para atingir algo, como uma mortificação, como uma provação, como pedagogia e, enfim, como uma consequência de algo.

“Quereis oferecer-vos a Deus?” perguntava a Mãe do Céu naquela aparição. “Sim”, responderam os pastorinhos. “Ides, pois, sofrer muito, mas a graça de Deus será o vosso conforto”.

2. A interrogação sobre a compatibilidade de Deus com o sofrimento

Juntamente com a interrogação sobre o porquê do sofrimento surge-nos também outra interrogação: como podemos encontrar compatibilidade entre a fé em Deus, que criou o mundo com poder e amor infinitos, e a experiência do sofrimento? E essa, se repararmos bem é a grande interrogação que atravessa toda a História da Salvação e toda a Sagrada Escritura.

Se a doença e o sofrimento são algo específico de cada pessoa e, ao mesmo tempo, uma experiência social (de grupo), não restam então dúvidas de que a doença e o sofrimento, enquanto realidades humanas de sempre, revelam ao homem qualquer coisa daquilo que ele próprio é.

A doença e o sofrimento são marcados, sobretudo, por uma experiência de ruptura e de limite e finitude.

Experiência de **ruptura** de actividades habituais, de relações humanas habituais (os momentos do diagnóstico e dos primeiros tratamentos são sempre de profunda solidão); **ruptura** da relação pessoal com o próprio corpo (o corpo torna-se obstáculo e não caminho); **ruptura** da comunicação com os outros (na experiência do repouso imposto para tratamentos, da obrigatoriedade do internamento restringindo a vida ao ambiente do sofrimento e da doença).

Experiência de **limite e finitude** porque de impotência e insignificância, de vulnerabilidade e de fragilidade. O homem determina-se a si mesmo, decide e define-se. Mas deve compreender que não o faz senão na experiência de uma radical fragilidade⁴. Então o homem descobre-se a si mesmo como dom e descobre a doença como dependência.

³ Cf. Vasco PINTO DE MAGALHÃES, *O olhar e o ver* (Coimbra: Tenacitas, 2000) 176.

⁴ Cf. P. JACOB, *Malade in Dictionaire Catholisme* (Paris: Letouzey e Ané, 1993).

Mas vejamos a tentativa de resposta da Escritura e da experiência da homem na História de Salvação à questão do sofrimento e da doença. A interrogação sobre a compatibilidade entre o Deus do Amor e o sofrimento é uma interrogação bíblica. Em todo o Antigo Testamento, a doença aparece e é sentida como uma desgraça que faz a morte acontecer como que antes da própria morte, quase uma morte por antecipação no sentido de retirar autonomia ao que está doente.

Existem em muitas passagens do Antigo Testamento referências à relação da doença com o castigo determinado pelo próprio Deus. Mas percebe-se, sobretudo, que todas as doenças e sofrimentos são uma imensa e longa pedagogia do sentido da vida. Os sofrimentos conduzem Israel e os indivíduos à razão e à obediência. E provação fortifica o sentido da fidelidade. Então a doença e o sofrimento aparecem aí como desafio à aliança e à confiança.

A doença e o sofrimento não aparecem, contudo, como se o homem fosse um jogo nas mãos de Deus. O Deus de Israel é um Deus Criador, não um Deus sádico. É um Deus da vida e não da morte. Ele quer o homem na plena posse das suas capacidades. Ele cria o homem e dá-lhe liberdade e autonomia.

Talvez por isso Job, na sua dramaticidade existencial própria, tente precisamente denunciar a insuficiência das perspectivas e representações que olham para Deus como um Deus sádico que incute arbitrariamente sofrimentos. Job denuncia essas perspectivas como uma vaidosa presunção humana de pretender ler as intenções de Deus. E, para ele, o sofrimento é mais escandaloso ainda quando o discurso humano pretende justificá-lo a partir do silêncio e da ausência de Deus⁵.

Por isso todo o Antigo Testamento inculca o recurso a Deus que é o Senhor da Vida (Eclo 38, 9). Os doentes acorrem a sacerdotes profetas para serem ajudados a confessar os seus pecados e a pedir a cura como uma graça. Deus inclina-se para a humanidade sofredora e, entre as suas promessas (escatológicas) está a da libertação das enfermidades (Is 35, 5)⁶.

Jesus Cristo, por seu lado, é a expressão da ternura de Deus para com toda a humanidade e, de uma forma muito especial, para com os doentes e os que sofrem. Ele tem piedade dos doentes e aflitos que O procuram (Mt 9, 35) porque sabe e diz que a doença é um mal contra o qual é necessário lutar, o sinal de um contratempo mais profundo e de um mistério muito maior. Jesus cura, expulsa demónios, perdoa os pecados⁷ (Mt 9, 2) mas recusa-se várias vezes a estabelecer uma relação entre a doença e o pecado (Jo 9, 1: “Nem ele nem seus pais pecaram...” diz Jesus do cego de nascença).

A ternura de Jesus para com os doentes e para com todos os que sofrem revela-nos, ao mesmo tempo, a dimensão mais humana de Deus e a vocação e mais divina do homem. Cada gesto, cada olhar, cada palavra de Jesus é uma encarnação histórica de Deus e uma experiência acessível da invisível e permanente ternura de Deus.

⁵ Cf. L. DEROUSSEAU, *ibid.*

⁶ Cf. T. GOFFI, *Enfermedad in Diccionario de Espiritualidad* (Barcelona: Herder, 1987) 684.

⁷ Cf. L. DEROUSSEAU, *ibid.*

Todos aqueles que para a sociedade de então (e às vezes de hoje) eram o últimos lá aparecem em torno de Jesus como sendo os primeiros e os que mais experimentam a sua acção: publicanos e mulheres pecadoras, endemoninhados, doentes, cegos e leprosos, estrangeiros, viúvas e orfãos, crianças, pobres e ricos, inimigos, malfeitores, traidores, criminosos. Mas, sobretudo, encontramos Jesus junto dos doentes e enfermos. São eles os predilectos e, sobretudo, aqueles que são chamados à conversão e a quem se oferece a salvação.

A ternura de Jesus é a ternura da compaixão, ou seja, da participação profunda, empática (e simpática) nos sofrimentos e vivências dos seus interlocutores:

- frente aos cegos de Jericó, Jesus “comove-se” (Mt 20, 34);
- perante a súplica do leproso, “Jesus, compadecido, estendeu a mão” (Mc 1, 41);
- ao ver as lágrimas da Viúva de naim, Jesus “teve compaixão dela e disse-lhe ‘não chores’ (Lc 7, 13);
- ao ver a multidão que O seguia, Jesus “sentiu compaixão porque estavam prostrados e abatidos como ovelhas sem pastoreio” (Mt 9, 36);
- antes da multiplicação dos pães, Jesus “sentiu compaixão da multidão” (Mt 14, 14);
- e tocou a sogra de Pedro e a febre deixou-a (Mt 8, 15)
- e deixou-Se tocar por uma mulher doente há muitos anos e ela ficou curada (Mc 5, 26)
- e devolveu a vista aos cegos (Mt 20, 34)
- e cura um surdo mudo (Mc 7, 31 – 37).

É particularmente expressivo da ternura de Jesus o episódio da cura daquele homem junto à piscina de Betesda (Jo 5, 7) que diz a Jesus: “Senhor, não tenho ninguém que me coloque na piscina quando a água se agita”.

Neste “não tenho ninguém” se pode resumir o drama de uma vida inteira e o drama de vidas inteiras de homens e mulheres de todos os tempos. Um doente no meio da solidão mais agressiva, no limite da resignação total depois de inúmeras e infrutíferas tentativas. Possivelmente estaria ali há muito tempo. Muitos terão passado e terão ficado indiferentes. Olham para ele mas não reparam na sua situação.

Mas Jesus viu-o e aproximou-se. A ternura de Jesus converte-se num gesto de antecipação, numa acção concreta para fazer aquele homem doente sair da situação em que se encontrava de doença e solidão: “Levanta-te, toma a tua enxerga e vai” (Jo 5, 8). A palavra “levanta-te” é a graça de uma vida recuperada e de uma nova dignidade de vida. Tem razão Gabriel Marcel quando diz que “amar alguém é dizer-lhe: ‘não morrerás’”.⁸

De facto, a ternura de Jesus faz viver. Jesus assume a condição humana. E a sua plena humanidade traz consigo, historicamente, uma plena assunção e participação dos sentimentos humanos. Jesus está plenamente conosco. A sua ternura, contudo, não

⁸ Cf. Carlo ROCHETA, *Teologia de la ternura* (Salamanca: Secretariado Trinitario, 2001) 141.

é apenas um gesto ou um conjunto de gestos. É um **modo de ser** em profunda relação com o facto de Jesus ser o Filho de Deus. Ninguém jamais realizou, por isso, tão profundamente a compaixão como misericórdia, dom de si, atenção ao outro, gesto gratuito, oblação amorosa⁹.

A interrogação bíblica sobre o sofrimento sinaliza-nos, pois, que aquela dimensão da doença e do sofrimentos humanos cujas razões não compreendemos andam a par com aquilo que não compreendemos de Deus, a sua transcendência incompreensível, o facto de ser totalmente Outro.

A percepção dos limites implica, pois, um certo reconhecimento da falta de plenitude que acarreta consigo a doença e o sofrimento. Assumindo assim o sofrimento e a finitude do nosso mundo e da nossa condição humana, o mundo em que vivemos e o mundo que somos não pode ser nem o pior nem o melhor de todos os mundo possíveis: tudo o que é limitado pode ser ultrapassado. E Jesus sinaliza e pacifica mostrando-nos que os sofrimentos humanos, porque eles próprios são limitados e finitos, não podem ser males absolutos. Não têm mais poder que Deus. E não são a vocação do homem.

3. Finitude que abre, finitude que fecha – aprender a viver com os limites

O que, muitas vezes, torna o nosso amor mais forte é o facto de, a cada passo, constatarmos que amamos com mais força aquilo que temos de deixar ou aquilo que até já não temos. É por isso também que a doença e o sofrimento em geral são estados ambíguos e equívocos.

Se pudéssemos referir-nos à reacção espontânea que temos diante da doença (a nossa) e do sofrimento, diríamos que ela exerce sempre uma influência negativa sobre nós. E nem sempre proporciona ou conduz a uma experiência de comunhão com Deus. Mesmo quando é possível demonstrar teoricamente que a doença e o sofrimento andam sempre a par com a condição provisória do mundo e de todas as coisas criadas que foram criadas por amor e para o amor, coloca-se de novo – e às vezes de forma até mais aguda – a questão sobre Deus que cobra de forma tão cara a liberdade e o amor da Criação¹⁰. Não seria melhor então – parece perguntar o íntimo de cada um de nós – que não houvesse nenhuma Criação do que haver uma Criação assim com a doença, a dor e o sofrimento a fazer parte da sua natureza?! Quantas e quantas pessoas prefeririam não existir, não ter nascido, do que existir a sofrer.

“Ofereçam-me o que quiserem em troca das lágrimas do sofrimento de uma criança. Não há nada que possa fazer com que eu as aceite. Nada, absolutamente nada do que a razão possa pensar” dizia Simone Weil. E a interrogação pelo sofrimento perdura.

⁹ Cf. Carlo ROCHETA, *ibid.* 136.

¹⁰ Cf. G. GRESHAKE, *op. cit.* 73.

E que queria S. Paulo dizer-nos quando exclama que é sua convicção “que as dores de hoje não significam nada quando comparadas com a glória que se há-de revelar”? Querera Deus, de alguma forma, a dor e o sofrimento? Não! Deus não é um Senhor cuja Onnipotência se construa e viva às custas do sofrimento e da doença do homem. Deus é sim um poder pessoal e um amor que concede espaço junto de Si ao homem, que lhe dá liberdade. É por isso que o absoluto “não querer o sofrimento e a doença” por parte de Deus, não se realiza por um acto de imposição que retirasse a liberdade da criatura e, conseqüentemente, lhe retirasse também a capacidade de amar.

Dir-se-ia então que a condição humana com todas as notas que a caracterizam (provisoriamente, fragilidade, liberdade, busca de sentido, capacidade de amor, etc), sem estar exposta à dor, a pessoa humana deixaria também de estar exposta ao amor, deixaria de ser capaz de amar. Então, longe de ser um Deus cuja onnipotência esmaga o homem, o nosso Deus é um Deus que Se introduz na nossa história, nas nossas dores e sofrimentos e fá-los seus. Deus sofre com o homem, introduz-se na dor da criação e da sua história e submete-Se ao seu peso¹¹.

A história de Deus torna-se pois uma história de dor. Não para eternizar a própria dor, mas porque a luta contra a dor produz ela própria experiência de dor. Jesus não quis o fracasso, a paixão ou a cruz. O que desejou foi que o homem se realizasse na experiência do reino de Deus. Mas como os homens não o aceitaram, Jesus assumiu tomar sobre Si as dores de toda uma humanidade no suplício da cruz. A cruz foi pois a consequência do seu esforço para lutar contra a dor e contra o sofrimento.

Falamos muitas vezes, a partir de S. Paulo (Col 1, 24-25) em “completar o que ainda falta aos sofrimentos de Cristo”. É uma afirmação que tem de ser feita com cuidado. “Completar” significa “fazer completa”, “fazer total” a acção de Cristo permitindo os discípulos que neles se exerça a totalidade das consequências da sua paixão. À paixão de Cristo, de facto, por parte de Cristo, não falta nada. Ela não está incompleta. A única coisa que é necessário fazer crescer na vida de todos os dias são as suas implicações. A morte de Jesus marcou para sempre a vitória do Amor sobre o sofrimento e sobre a própria doença.

Há muitas formas de reagirmos à dor e ao sofrimento. Às vezes o sofrimento fecha-nos sobre nós próprios: transforma-se numa dor que corta o diálogo, numa dor que foge à relação, numa dor que constrói indiferença, numa dor que reage à dependência.

Existem limites que nos fazem bem e limites que nos fazem mal. Depende da forma como conseguimos reagir. As estratégias de superação da doença e do sofrimento, no entanto, hão-de passar sempre por processos de encontro com o outro, com Deus, com o sentido da vida e consigo mesmo.

¹¹ *Ibid.*

Para quem vive em Cristo, sofrimento e saúde, morte e vida adquirem um novo significado: o cristão, associado ao Mistério pascal de Cristo, configurado com a vida de Cristo, faz caminho em direcção à vida futura.

Existem, na nossa vida, graças baratas e graças caras. Como alguém disse, *A graça barata é o inimigo mortal da nossa Igreja. Hoje temos de lutar pela graça cara [...]. Graça barata é o anúncio do perdão sem arrependimento, é baptismo sem disciplina de comunidade, é Santa Ceia sem confissão dos pecados, é absolvição sem confissão pessoal. Graça barata é graça sem seguimento de Cristo, graça sem cruz, graça sem o Cristo vivo, encarnado.*

Graça cara é o tesouro escondido no campo, por amor do qual o homem vai e vende tudo o que tem, com alegria; a pérola preciosa, para cuja aquisição o comerciante dá todos os seus bens; o senhorio de Cristo, pelo qual o homem “arranca” o olho que o escandaliza; o chamamento de Cristo que leva o discípulo a deixar redes e segui-l’O. Graça cara é o Evangelho, que se deve sempre procurar de novo; o dom que se deve sempre pedir de novo. É cara porque chama a seguir Jesus Cristo; é cara porque o homem a adquire com a vida, é graça porque justamente dessa forma lhe doa a vida; é cara porque condena o pecado. É cara, sobretudo, porque custou a Deus a vida do próprio Filho”¹².

O grande desafio que se coloca a todo o homem é, portanto, o de encarar de frente a sua condição. Somos mortais por condição e, por isso, provisórios. No entanto, por sermos mortais, o sentido da vida continua a ser a realidade que queremos encontrar. Nessa medida, todas as experiências de limite são uma natecipação e uma pedagogia da experiência radical da fragilidade que é a morte.

Numa existência em que o desafio é aprender a viver com os limites próprios da condição, a doença e o sofrimento podem ser a chave que abre diversas portas do nosso coração e do nosso ser. A vida não morre de uma só vez, no final. É antes uma experiência de ir morrendo, de se ir entregando.

Deus, que não faz parte do problema (não foi Ele que nos enviou o sofrimento e a doença) pode fazer parte da solução e dar-nos força para nos associarmos a Ele.

4. Quereis oferecer-vos a Deus?

“Quereis oferecer-vos a Deus?”! Esta é uma pergunta forte que nos desinstala. “Sim, queremos”, respondem imediatamente os pastorinhos quando questionados pela Mãe do Céu. É como se cada um dissesse “Creio em Deus”!

Mas o que torna aquelas crianças papazes de um amor assim? E o que lhes dá forças para se tornarem desta forma uma “oferenda agradável a Deus”?

O amor e a dispersão são experiências em sentido contrário. O amor unifica sempre. E, embora não limite nunca a extensão, o amor valoriza sobretudo a intensidade (não muitas coisas ao mesmo tempo, mas as coisas mais importantes).

¹² Cf. Dietrich BONHOEFFER, *Sequela* (Brescia, 1975) 21.

Transcrevo algumas das exclamações de Francisco que são expressivas da entrega de si a Deus:

- a) - *Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era*
- *Ó minha Nossa Senhora, terços rezo quantos vós quiserdes*
- *Do que gostei mais, foi de ver Nosso Senhor naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus*
- *Nossa Senhora disse que íamos a ter muito que sofrer. Não me importo. O que eu quero é ir para o Céu!*
- *Nós estávamos a arder naquela luz que é Deus e não nos queimávamos.*
- c) - *Vocês não venham para aqui. Deixem-me estar sozinho*
- *Mas que estás aqui a fazer há tanto tempo? Estou a pensar em Deus que está tão triste por causa dos nossos pecados. Se eu fosse capaz de Lhe dar alegria!*
- b) Esta gente fica tão contente só por lhes dizermos que Nossa Senhora mandou rezar o terço e que aprendesses a ler. O que seria se soubessem o que Ela nos mostrou em Deus!
- c) *Qdo. Peguei no copo lembrei-me de fazer aquele sacrificio para consolar Nosso Senhor*
- d) *Olha, vai tu à escola. Eu fico aqui na Igreja. Quando voltares vem por cá a chamar-me.*
- e) *Vai à Igreja e dá muitas saudades minhas a Jesus escondido. Do que tenho mais pena é de não poder já ir a estar uns bocados com Jesus escondido¹³.*

Quereis oferecer-vos a Deus?! Amar é dar a vida. E, de facto, o amor é o que há de mais real em Deus. E é onde reside a nossa maior semelhança com Ele. Saber e experimentar que Deus é amor é decisivo para o homem poder também amar a Deus: quem não faz a experiência de ser amado, na maioria das vezes não sabe nem aprende a amar. Amar, então, é viver para o outro (dom) e é viver do outro e pelo outro (acolhimento).

Francisco descobriu Deus e entregou-se-Lhe totalmente. Agora, na sua vida, depois da descoberta de Deus, o amor torna-se cuidado do outro e pelo outro: "Ó Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores, em reparação dos pecados".

E Jacinta?! De cada momento, de toda a vida e da vida toda, Jacinta fazia uma "oferta agradável a Deus". E é dentro dessa oferta agradável a Deus que toda a sua vida decorre. Entregou-se à penitência logo após a aparição do Anjo, entregou-se sempre

¹³ LÚCIA DE JESUS, *Memórias I* (Fátima: Vice postulação, 1997) 126-134.

(em imensas expressões) pela conversão dos pecadores, enfrentou as calúnias do povo, enfrentou as desconfianças e repreensões da própria família, os sustos e interrogatórios do administrador que em Ourém a amedrontava, o contexto da prisão, fazia de cada momento do convívio com os primos e de cada momento de brincadeira uma verdadeira experiência de “oferta agradável a Deus”.

Mas o que mais impressiona em Jacinta não é apenas que tudo deposite nas mãos de Deus em atitude de “oferta agradável a Deus” como quem apenas dissesse: “tomai, Senhor, e fazei o que quiserdes porque eu não sou capaz de mais nem posso porque sou pequenina”! Isso poderia ser apenas a irredutível experiência da sua indignidade e pequenez humana.

O que mais impressiona é ver Jacinta transformar cada momento e cada experiência em “oferta agradável” ou seja, fazer tudo para louvor de Deus e apenas fazer o que louve a Deus. E dessa forma sim, cada pequeno gesto, cada sentimento, cada brincadeira, cada palavra, cada olhar era ocasião de conversão para que, precisamente, tudo fosse “oferta agradável a Deus”.

Não se oferecem coisas que, de antemão, se sabe não agradar Àquele a Quem se oferecem. Então, para que sejam agradáveis, há que as transformar antes de as oferecer. Foi assim com Jacinta: unida ao “seu querido Jesus” que tanto amava e sob o olhar da Mãe do Céu, venceu o seu carácter passando dos melindres para um coração doce, meigo e amável; afastou-se do convívio e das brincadeiras dos maldizentes; mesmo no meio das brincadeiras, preferia demonstrar sempre o seu carinho por Jesus; deitava flores como os anjos em vez de brincar; renunciava à sua merenda que distribuía por outras crianças; comia, para fazer oferta agradável, bolota azeda dos carvalhos; cheia de sede renunciava à água por amor dos pecadores; dizia sempre a Jesus que tudo fazia por seu amor e pela conversão dos pecadores; no meio da solidão da prisão e na angústia da saudade da mãe, soube mais uma vez oferecer-se e rezou o terço com os outros presos; **enfrentou e deu sentido à sua doença por amor e pela conversão dos pecadores;** preferia oferecer-se pela conversão dos pecadores, sofrendo, do que matar a saudade dos primos; **já doente, mandava “saudades a Nosso Senhor e a Nossa Senhora”;** **a dificuldade dos medicamentos e tratamentos que assumia como entrega;** a permanente e insaciável sede de oração de louvor e de súplica, sobretudo, pelos pecadores. E tantas outras experiências.

As expressões de uma vida transformada em “oferta agradável a Deus” são imensas na vida de Jacinta. O oferecimento de si própria pela conversão dos pecadores concretizou-se, primeiro e continuamente, na sua própria conversão.

“Quereis oferecer-vos?”! “Oferta agradável a Deus” foi a do seu coração puro de criança e mantido puro no amor, foi a harmonia da sua vontade, da sua inteligência e do seu amor com o Deus, foi a sua capacidade de partilha e intercessão pelos outros, foi o seu horror ao pecado, foi a sua infinita vontade de ver toda a gente em comunhão com Deus e fazendo o bem (salvando-se).

O grande segredo de Jacinta é Jesus, o imenso amor a Jesus. Foi o amor a Jesus que a fez ver e distinguir o inferno e o Céu e saborear como Deus é bom, foi o amor a Jesus que a fez ver e distinguir a Eucaristia, foi o amor a Jesus que a fez ver e distinguir os outros (sobretudo os pecadores) como irmão, foi o amor a Jesus que, enfim, deu harmonia a uma vida tão curta em cronologia e tão grande, imensamente grande, em amor. E, de facto, a vida mede-se pelo amor.

*Dá muitas saudades minhas a Nosso Senhor e a Nossa Senhora e diz-Lhes que sofro tudo quanto Eles quiserem para converter os pecadores e reparar o Imaculado Coração de Maria*¹⁴ diz Jacinta a seu Irmão Francisco pouco antes deste morrer. E é uma expressão que impressiona sempre. Como impressiona outra que Lúcia narra nas suas Memórias: *Que vais fazer no Céu? – perguntou Lúcia a Jacinta. Vou amar muito a Jesus, o Imaculado Coração de Maria, pedir muito por ti, pelos pecadores, pelo Santo Padre, pelos meus pais e irmãos e por todas essas pessoas que me têm pedido para pedir por elas” [...] Não se aflija minha mãe, vou pra o Céu. Lá hei-de pedir muito por si*¹⁵. É aqui que se manifesta a vida acolhida e a vida entregue de Jacinta. Quereis oferecer-vos? Sim quero! Responde Jacinta.

Quereis oferecer-vos? Que damos a Deus? O essencial ou o supérfluo? Supérfluo é o que é inútil, aquilo que não interessa, aquilo que é escusado ou desnecessário. Essencial, por seu lado, e ao contrário de supérfluo, diz-se de algo que é relativo à essência ou natureza íntima de algo, que o identifica e que o distingue. Quando não se dá nada a Deus, o que esperamos ? E quando se dá tudo a Deus, o que esperamos ? E de que é isso sinal ?

5. A linguagem e a atitude do dom de si

A melhor forma de agradecer um dom é aceitá-lo e acolhê-lo, dar ao outro a alegria de o poder dar. E recebê-lo, agradecido, é cuidar dele. Cuidar para que não desapareça, para que não se extinga. Então, reavivar o dom de Deus que está em nós é um desafio, uma necessidade e uma oportunidade. Desafio porque se dele não se cuida pode perder-se; necessidade porque sem dele se cuidar também não há crescimento; oportunidade porque no cuidar, que também é uma forma de alguém se dar, se experimentam capacidades porventura ainda desconhecidas. Cuidar do dom é recebê-lo activamente, cuidar do que é dado como semente para fazer desenvolver.

Podemos reflectir nos principais e estruturantes dons que recebemos e vamos recebendo: o dom da vida, da fé, do Baptismo (Sacramento da Ressurreição como lhe chama Sto. Agostinho); os dons da caridade, da sabedoria, da ciência, do conselho, da fortaleza, da alegria, da paz, da bondade e da benignidade, da paciência, da temperança, da justiça, da paz. Podemos pensar nos dons da capacidade de

¹⁴ Memórias da Irmã Lúcia (Fátima: Vice-Postução, 1997) 44.

¹⁵ *Ibid.* 47.

comunhão, da família, dos filhos, dos pais, do bem-fazer, do bem-querer, enfim, do Espírito Santo. Podemos pensar nos dons da vida religiosa, do matrimónio, do sacerdócio, dos diversos serviços e missões na Igreja e onde vivemos.

E podemos pensar nos imensos dons com que se constrói a vida de quem está a caminho e de quem continuamente se supera: o diálogo, a relação de amizade, a maturidade, o bom uso de bens materiais, as capacidades intelectuais, o deixar-se motivar e guiar pela Palavra de Deus, a transparência, a sinceridade, a partilha de bens e de vida, a capacidade de amar, o realismo, a fidelidade, a lucidez, o equilíbrio, a generosidade, a capacidade de colaboração e de compromisso, o desprendimento, a humildade, a coerência, a participação no bem comum, a confiança, o bem-pensar, bem-dizer e bem-fazer. Tanto e tantos que constituem a trama e o tecido da nossa vida de todos os dias e que, necessariamente, se não se reavivam podem acabar por desaparecer.

Presente em muitos destes dons, o grande dom da vida de Deus em nós é o que nos faz experimentar que há mais alegria em dar do que em receber. É o que nos faz experimentar que é quando damos que recebemos, que apenas quando damos estamos preparados para saber receber. A verdadeira liberdade consiste não em dispor dos outros, mas sim em estar disponível aos outros. Esse é um dom que nunca poderá desaparecer das nossas vidas.

E como se extinguiriam ou ofuscariam os dons de Deus e, nomeadamente, o dom do seu Espírito que é a sua vida e o seu calor? Dar apenas quando se recebem contrapartidas, dar para se admirar a si mesmo, dar ficando prisioneiro da sua virtude e do dar, não saber receber gratuitamente, não saber dar ao outro a alegria de se poder dar, receber na indiferença sem capacidade de admiração e de gratuidade são, entre muitas outras, atitudes que extinguiriam compulsivamente o dom e capacidade para o cuidar.

Podíamos resumir esses imensos perigos na solidão de quem não ama ninguém porque está apaixonado de si mesmo, aquele a quem a auto contemplação de si mesmo basta. Uma solidão sem partilha, uma solidão agressiva e defensiva dos possíveis intrusos que, ao limite e no fim de tudo, até seriam a ponte para a alegria. Nada tentar, com nada se admirar, com ninguém se entusiasmar, a nenhum projecto ser capaz de aderir, nada desejar ... isso é extinguir o dom.

Mas se olharmos bem para nós, se entrarmos bem dentro do nosso coração e formos aonde ele nos levar, percebemos que somos sempre mais felizes quando confiamos do que quando desconfiamos, percebemos que somos sempre mais felizes quando damos do que quando recebemos. É a nossa semelhança com Deus. É quando amamos e perdoamos que nós nos tornamos mais semelhantes com Deus. É nessa

experiência incontornável que nos apercebemos melhor da nossa identidade e da semente que é preciso cuidar, o dom que é preciso reavivar.

Somos versáteis, somos até distraídos, confundimo-nos e confundimos os outros até sem querer, enredamo-nos nos nossos problemas, antepomos as nossas soluções sem ser por maldade, enganamo-nos na leitura dos sinais, às vezes optamos alicerçados em falsos fundamentos. Então é preciso cuidar do dom. Cuidar desse imenso dom da semelhança com Deus que nos faz vibrar de alegria e de harmonia por receber de graça e dar de graça. Somos uma ânsia em busca de harmonia, de afecto e de sentido e só aderimos àquilo que percebemos como oferecendo-nos esse valor, Deus, o Dom. É preciso cuidar do dom e do dinamismo do dar. Pessoalmente e em Igreja.

6. Vou amar dez vezes mais: oferecer-se ... uma espiritualidade reparadora por amor

O sentido da oração, do sacrifício e da oferenda agradável de si mesmo, em representação e em substituição pelos outros, está profundamente enraizado na Mensagem de Fátima onde se sofre e reza pelos outros: “Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores”¹⁶. Rezar pelos pecadores, oferecer esmolas e bens pessoais, passar por provações e privações diversas são expressões de sacrifícios e são elementos específicos de uma espiritualidade reparadora e sacrificial.

Penetrando bem na Mensagem de Fátima e de todo o Cristianismo, percebemos como o grande e essencial sacrifício, no entanto, é o de “permitir” que Deus seja Deus. O grande sacrifício é o de desocupar o lugar que só a Deus pertence e é devido. É “desegolaterizar” princípios, relações e procedimentos e dar sentido profundo à condição humana que é indigente e, não obstante isso, chamada a colaborar com Deus na criação e na sua constante renovação.

Então, o sofrimento na sua dimensão reparadora, só adquire sentido à luz do Mistério da Cruz. E o sentido ou dimensão soteriológica do sofrimento só é possível captar-se no horizonte da comunhão dos santos, do Corpo de Cristo no qual quando um membro sofre todos os membros sofrem¹⁷.

Sacrifício de reparação é, então, um desejo profundo de salvação que se traduz em gestos reais e pedagógicos, o caminho em que alguém aprende a fazer dom de si mesmo a Deus e aos outros.

Um sacrifício de reparação assim vivido é lugar de revelação porque é experiência de amor. Deus é amor e nós somos uma ânsia de harmonia, afecto e sentido que só em Deus encontra resposta e paz.

¹⁶ Cf. Memórias II, 75.

¹⁷ Cf. José JACINTO DE FARIAS, *Um fogo que arde mas não queima* (Lisboa: Paulinas, 2010) 70.

No Cristianismo, a Cruz na qual Cristo morreu e pela qual chegou à Ressurreição, tornou-se, pois, arquétipo da acção salvífica de Deus e o modelo da resposta do homem. Na Cruz evidencia-se a plena unidade de vontade de Pai e Filho, o que revela a Cruz como um Mistério de Amor - o Mistério de Amor que realiza a Salvação. Amado pelo Pai, possuindo o Espírito Criador do Pai, Jesus Cristo assume na Cruz uma existência representativa, solidária para com a humanidade.

A encarnação, aliás, aponta necessariamente para a Cruz. É Cruz um Deus assumir a carne humana e é Cruz toda a caminhada que Jesus faz até ao Gólgota. Mas esse caminho de Cruz não se confina aos passos do caminho doloroso daquele dia da paixão de Jesus. Nada haveria de mais contraditório do que opor o cristão encarnado a um cristianismo crucificado.

Assim, o que pode dar sentido ao sofrimento só pode ser o amor. E, conseqüentemente, apenas o sofrimento enquanto expressão de amor e vivido no amor pode ter sentido porque essa é a sabedoria da Cruz.

Reparação será, fundamentalmente, mortificação. Mas mortificação não se resume a um conjunto somatório de sacrifícios à medida da dimensão humana. Mortificar não é o contrário nem o avesso da vida. Mortificar é precisamente o segredo da vida (mortificar é crescer, é escolher, entre duas coisas boas, a que me faz melhor no sentido da abertura para o caminho de Deus e da eternidade). Mortificar é purificar o que somos e o que fazemos de tudo aquilo que, verdadeiramente, não faz parte de nós. Mortificar é a exclamação evangélica de que *“se desamei uma vez a Deus ... vou amar dez vezes mais”!*

O que aqui está em jogo é, pois, uma questão de amor, de comunhão de vida com a pessoa amada, Deus. O cristão, tendo sido amado de forma pessoal por Cristo (*que se entregou por mim*) não quer outra coisa senão viver e morrer para Cristo fazendo-se uma só realidade com Ele e com o seu Corpo que é a Igreja.

A imagem e a espiritualidade da reparação, tão acarinhada na mensagem de Fátima, coloca então no centro a cada pessoa enquanto responsável e corresponsável por restaurar a sua comunhão com Deus¹⁸. Reparar é reconstruir uma relação que nos define e identifica como filhos de Deus e porque somos filhos de Deus. É viver em Cristo. É passar de uma vida fechada sobre mim mesmo para uma vida oferecida a Cristo na sua Igreja.

Em Fátima, e falando da reparação, o aspecto mais relevante é a oração: *Rezai, rezai muito* pediu Nossa Senhora aos Pastorinhos. E em todas as aparições Nossa Senhora insistiu: *Rezai o terço todos os dias*.

A oração é o centro de toda a Mensagem de Fátima: rezar para encontrar em Deus um Pai amoroso; rezar para escutar a Deus na sua Palavra que Se faz Carne em Jesus e assume a nossa condição; rezar para falar a Deus da vida dos homens, das suas ânsias, das suas esperanças e alegrias; rezar para descobrir a verdade da vida e das acções; rezar para saber escolher; rezar para se converter; rezar para encontrar a Paz;

¹⁸ Cf. Nurya MARTINEZ-GAYOL, *Retorno de amor* (Salamanca: Sígueme, 2008) 56.

rezar para estar com Deus em todos os momentos da vida. Fátima é uma escola de oração.

Além da oração, o convite à penitência e à conversão é aqui uma constante: *Aquela Senhora disse-nos para rezarmos o terço e fazermos sacrifícios pela conversão dos pecadores*¹⁹. *Gosto tanto de sofrer por seu amor*²⁰ dizia Jacinta.

É esta uma das notas mais importantes: *De tudo o que puderdes, oferecei um sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Deus é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores*²¹.

Na comunidade eclesial, aquele que sofre e que está doente tem, por isto mesmo, uma vocação e um carisma muito próprios: sofrendo com Cristo, o cristão acolhe a doença e o sofrimento por amor dos que ainda não sabem ou não conseguem amar. E, na comunidade cristã, na Igreja, os doentes desafiam com a sua presença todos os outros cristãos a contemplar e apreciar o mistério redentor de Cristo testemunhando o poder do sofrimento suportado por Cristo.

Na comunidade eclesial, o doente recorda, pois, como a força que redime e salva não nos é dada pelos nossos cálculos ou mesmo pelos nossos méritos, mas é dom de Deus. É-nos dada por termos plena consciência de necessitarmos de Deus. O doente encarna a miséria toda da condição humana que apela à misericórdia de Deus²².

7. O sacramento da Unção dos doentes

Nesta tarde vamos celebrar a Unção dos doentes. Um sacramento é um sinal e um meio de realizar a nossa unidade com Deus. Por isso podem definir-se os sacramentos como sinais eficazes do dom de Deus em Jesus Cristo. E, nesse sentido, podemos dizer que são acções de Cristo na vida dos crentes que se realizam através da sua Palavra e do seu gesto e em profunda relação com a existência humana.

Como é que isso acontece ? Jesus Cristo, o Filho Único de Deus, ao encarnar assumiu a missão da libertação do homem na sua mais profunda realidade. Palavra e gesto, Palavra e acção sempre se iluminaram mutuamente na vida e ministério de Jesus. Ele é e diz a Palavra de Deus. E os gestos e tipo de presença à humanidade mostram como a Palavra encarnada, assumida, age na vida dos homens. A Palavra explica o gesto e o gesto explicita e realiza a Palavra fazendo com que seja melhor compreendida e acolhida. É assim o ritmo da revelação de Deus ao mundo.

A morte surge na vida de Jesus como a plenitude da sua vida. Não é um acaso, não é uma eventualidade. Jesus morreu como viveu – fazendo entrega plena de si para que os homens conheçam melhor Deus e se conheçam melhor a si mesmos.

Por isso a Igreja surge da morte e ressurreição de Jesus como o conjunto dos discípulos que, sentindo-se identificados com Jesus e a sua missão, querem ritmar a

¹⁹ Memórias I, 29-30.

²⁰ Memórias I, 44.

²¹ Memórias IV, 153.

²² Cf. Hans Urs Von BALTHASAR, *Dieu et la souffrance* (Chiry-Ourscamp: Editions du Serviteur, 1991) 25.

sua vida pelos valores do seu Reino e abrem o seu coração à acção da força do mesmo Espírito que agia em Jesus. A missão de Jesus é continuada e anunciada.

Cristo vive, portanto, na sua Igreja que é o seu Corpo glorioso. E tudo o que a Igreja faz, fá-lo em Nome do mesmo Cristo sem o qual não existiria. É Cristo que age na sua Igreja, seu Corpo, sua Presença. E quando nos reunimos em assembleia de Igreja somos, precisamente, a imagem visível deste Corpo: membros diferentes, mas que na diferença se completam uns aos outros e vivem organicamente.

E porque a missão de Jesus continua e tem como objectivo ser acolhida por todos os homens, a Igreja tem como identidade própria ser a presença de Cristo, anunciar Jesus Cristo, fazer discípulos de Jesus Cristo. Essa é uma missão sempre em relação com a natureza e a identidade das pessoas. São elas as destinatárias da salvação de Jesus Cristo. Os sacramentos são, assim, acções de Cristo-Igreja na história dos homens para aí significar a presença de Deus que acompanha essa mesma história com o seu amor.

Neste sentido podemos compreender os sacramentos como acções simbólicas (gesto e palavra) que significa e actualiza (torna presente) uma realidade invisível destinada à libertação, salvação e felicidade da humanidade.

Existem na Igreja sete sacramentos: o baptismo, a confirmação, a eucaristia, a penitência (ou reconciliação), a unção dos doentes, a ordem e o matrimónio. Eles são, fundamentalmente, a presença e acção do Único e Primeiro Sacramento (Cristo-Igreja) em diversas situações e dinâmicas da existência humana: o nascimento; o crescimento; as grandes escolhas; os compromissos fundamentais; a releitura da história e recomeço; a confiança para lá da fragilidade humana. É por isso que os sacramentos contêm sinais na sua explicitação: é para serem melhor acolhidos, compreendidos e integrados na vida. Deus é força em Jesus Cristo e na Igreja nos momentos do nascimento, das escolhas, das opções de compromisso, nas dificuldades, na confiança e na alegria. E essas expressões podem ser melhor compreendidas e integradas através dos sinais e dos símbolos sem os quais a possibilidade e capacidade cognitiva e crentes dos cristãos não conseguiria fazer a ponte entre o que se vê imediatamente e aquilo que, não se vendo de imediato, nem por isso deixa de existir.

A Unção dos doentes é o Sacramento que hoje celebraremos. É o Sacramento da força e da fortaleza perante a adversidade, seja ela a doença ou outra qualquer. Destina-se, portanto, àqueles que, por qualquer motivo sofrem uma provação e necessitam de sentir a força de Deus e a comunhão da Igreja.

Existem hoje muitas e variadas formas de sofrimento que o encontro com a comunidade e com Jesus Cristo pode aliviar e ajudar a ultrapassar. É a Carta de S. Tiago que nos diz *“Está alguém doente entre vós ? Chame os presbíteros da Igreja e que eles rezem por ele e lhe façam a unção com óleo em nome do Senhor”* (Tiago 5, 14 s). Significa que, em Igreja, a força da fraternidade não deixa ninguém sofrer sozinho e que o sofrimento individual é sofrimento comunitário e ocasião da oração fraterna em comum.

O sacramento da unção dos doentes é pois um sacramento expressão da ternura de Deus em Jesus Cristo. Não é o “sacramento dos mortos”, como se dizia muito, mas sim dos vivos, o sacramento que dá coragem de enfrentar as dúvidas, os vazios que, muitas vezes, o sofrimento físico e outros sofrimentos trazem consigo²³.

8. O sofrimento, a dor e a doença, acontecimento que se impõe à liberdade e tarefa que se oferece à liberdade

Chegados a este momento, e depois deste longo percurso, é necessário olhar novamente para a doença, para a dor e para o sofrimento em geral.

A doença e o sofrimento são, numa primeira abordagem imediata, um facto que se impõe à liberdade de cada pessoa sob a forma de uma quase fatalidade. Contudo, ao invés de ser apenas uma imposição sofrida, a doença, a dor e o sofrimento podem ser transformadas numa tarefa e missão que se oferecem à nossa liberdade e que são conscientemente aceites.

E como será possível fazer daquilo que, normalmente caracteriza o estado do doente (ruptura da unidade pessoal, crise de comunicação e de relação, experiência de finitude e de morte) uma realidade à qual possamos dar um sentido novo?!

Podemos apontar alguns breves passos muito gerais e abrangentes:

1º Reconhecer

2º Amadurecer

3º Amar e confiar (fé)

4º Esperar (esperança).

Ó Jesus, é por vosso amor! Foi assim que iniciámos. Termino com as palavras de Sto. Inácio de Loyola que, juntamente com as dos Pastorinhos, poderiam construir a nossa resposta à interrogação de Nossa Senhora (Quereis oferecer-vos a Deus?): ***Tomai Senhor e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, a minha inteligência e toda a minha vontade. Tudo o que tenho Vós mo destes, por isso, a Vós, Senhor o restituo.***

Fátima, Dia Mundial do Doente, 11. Fev. 2012

Emanuel Matos Silva

²³ Cf. Dionisio BOROBIO, *Sacramentos y Sanación* (Salamanca: Sígueme, 2008) 125.